

garrafas que guardam símbolos e sonhos:  
a arte em areia colorida de Majorlândia





garrafas que guardam símbolos e sonhos:  
a arte em areia colorida de Majorlândia

sala do artista popular

S A P MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO

163

2010

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular  
Iphan / Ministério da Cultura

Ministério da Cultura  
Ministro: Juca Ferreira

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
Presidente: Luiz Fernando de Almeida

Departamento de Patrimônio Imaterial  
Diretora: Márcia Sant'Anna

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular  
Diretora: Claudia Marcia Ferreira

**PARCERIA**

Associação de Amigos do Museu de Folclore  
Edison Carneiro  
Presidente: Lygia Segala

**PATROCÍNIO**

Caixa Econômica Federal  
Presidente: Maria Fernanda Ramos Coelho

realização



patrocínio



## Setor de Pesquisa

### COORDENADORA

María Elisabeth Costa

## Programa Sala do Artista Popular

### RESPONSÁVEL

Ricardo Gomes Lima

### EQUIPE DE PROMOÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Magnum Moreira, Marylia Dias e Sandra Pires

### PESQUISA E TEXTO

Cesar Baía

### EDIÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS

Lucila Silva Telles

Ana Clara das Vestes

### DIAGRAMAÇÃO

Marcos Corrêa

### FOTOGRAFIAS

Flávia Correia

### PRODUÇÃO | PROMOART

Flávia Correia

### ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Márcia Shoo

### PROJETO DE MONTAGEM E PRODUÇÃO DA MOSTRA

Luiz Carlos Ferreira

Talita de Castro Miranda (assistente)

### PRODUÇÃO DE TRILHA SONORA

Alexandre Coelho

---

G238 Garrafas que guardam símbolos e sonhos: a arte em areia colorida de Majorlândia / pesquisa e texto de Cesar Baía.-- Rio de Janeiro : IPHAN, CNFCP, 2010.

36 p. : il. -- (Sala do Artista Popular ; n. 163).

ISSN 1414-3755

Catálogo da exposição realizada no período de 11 de novembro de 2010 a 12 de dezembro de 2010

1. Arte popular - Artesanato em areia. 2. Garrafas de areia. 3. Artistas populares - Ceará. I. Baía, Cesar, org. II. Série.

CDU 7.067.26 (813.1)

---

sala do artista popular

S A P MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO

163

2010

A Sala do Artista Popular, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/CNFCP, criada em maio de 1983, tem por objetivo constituir-se como espaço para a difusão da arte popular, trazendo ao público objetos que, por seu significado simbólico, tecnologia de confecção ou matéria-prima empregada, são testemunho do viver e fazer das camadas populares. Nela, os artistas expõem seus trabalhos, estipulando livremente o preço e explicando as técnicas envolvidas na confecção. Toda exposição é precedida de pesquisa que situa o artesão em seu meio sociocultural, mostrando as relações de sua produção com o grupo no qual se insere.

Os artistas apresentam temáticas diversas, trabalhando matérias-primas e técnicas distintas. A exposição propicia ao público não apenas a oportunidade de adquirir objetos, mas, principalmente, a de entrar em contato com realidades muitas vezes pouco familiares ou desconhecidas.

Em decorrência dessa divulgação e do contato direto com o público, criam-se oportunidades de expansão de mercado para os artistas, participando estes mais efetivamente do processo de valorização e comercialização de sua produção.

O CNFCP, além da realização da pesquisa etnográfica e de documentação fotográfica, coloca à disposição dos interessados o espaço da exposição e produz convites e catálogos, providenciando, ainda, divulgação na imprensa e pró-labore aos artistas no caso de demonstração de técnicas e atendimento ao público.

São realizadas entre oito e dez exposições por ano, cabendo a cada mostra um período de cerca de um mês de duração.

ASAP procura também alcançar abrangência nacional, recebendo artistas das várias unidades da Federação. Nesse sentido, ciente do importante papel das entidades culturais estaduais, municipais e particulares, o CNFCP busca com elas maior integração, partilhando, em cada mostra, as tarefas necessárias a sua realização.

Uma comissão de técnicos, responsável pelo projeto, recebe e seleciona as solicitações encaminhadas à Sala do Artista Popular, por parte dos artesãos ou instituições interessadas em participar das mostras.



**Garrafas que guardam símbolos e sonhos: a arte em areia colorida de Majorlândia**

CESAR BAÍA

Potes servem para guardar água, mas flores nos potes servem para guardar símbolos. Servem para guardar a memória de quem fez de quem bebe de quem, vendo as flores, lembre onde veio. E quem é. Por isso há potes com flores. (Brandão, 1982)

As palavras do professor Carlos Rodrigues Brandão expressam bem o sentimento que inundou minha alma ao ingressar no mundo da arte em areia colorida de Majorlândia, em Aracati, cidade do litoral cearense.

Os olhos já acostumados a ver garrafas com imagens em areia colorida não estavam preparados para receber tanta luz, a começar pela intensa luminosidade do amanhecer em Majorlândia, onde pequena extensão de praia ainda guarda em suas areias as cores das jangadas, que vão ganhando o dourado do sol nascente no horizonte, quando levadas para o mar. Imagem que, para ser bem percebida, deve, antes, ser fotografada pelas nossas retinas. Por isso há garrafas com arte em areias coloridas!





A chegada a Aracati já denunciava o espetáculo que estava por vir. Situada a cerca de 150km da capital, banhada pelo rio Jaguaribe<sup>1</sup>, hoje com uma população de quase 70.000 habitantes, a cidade fora importante polo comercial e sociocultural do Ceará, ponto de ligação entre o sertão e as economias do Brasil colônia e imperial.

Aracaty ou Aracatu vem do tupi-guarani – ara (tempo, claridade) e catu (bom, bonançoso), significando “bons tempos, uma região que impressionava pela claridade e mansidão de suas águas, aragem cheirosa, vento que cheira ou rajada forte”<sup>2</sup>. Sua denominação original era Arraial de São José dos Barcos do Porto dos Barcos do Jaguaribe, depois, em 1766, Vila de Santa Cruz de Aracati e, desde 1842, Aracati.

A importância da cidade como polo econômico e cultural é revelada pelas marcas de sua arquitetura urbana, que contempla um conjunto de casas térreas e sobrados, revestidos com azulejos portugueses. A largura das ruas tinha o objetivo de atender às funções econômicas da época.

A atividade de abate bovino foi a principal responsá-

vel pela ocupação de terras na região. Por volta de 1740 já existiam oficinas de charque em Aracati. O comércio de carne e couro manteve-a, por longo tempo, como a localidade de maior influência econômica, social e política do Ceará.

O centro histórico contempla um plano urbanístico do período de criação e instalação da Vila de Santa Cruz do Aracaty, quando vieram de Portugal, junto com a Carta Régia, as recomendações adotadas pelo Parecer do Conselho Ultramarino de Lisboa. Referiam-se, sobretudo, à largura das ruas, à extensão das praças, à localização dos edifícios públicos, bem como aos tipos de casas residenciais, que deveriam ser iguais e ter o mesmo perfil, atendendo, sobretudo, ao aspecto estético.

Destacam-se os prédios da Casa de Câmara e Cadeia (Câmara Municipal), a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, a casa de Adolfo Caminha, e o sobrado do Barão de Aracati (hoje Instituto do Museu Jaguaribano), que integram o conjunto arquitetônico que foi considerado patrimônio nacional em 2000, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Hoje, a base econômica da cidade é a pesca e a criação de camarões, fortalecida pelo turismo, que



tem nas praias forte atrativo: Retirinho, Fontainha, Lagoa do Mato, Quixaba, Canoa Quebrada e Ma-

ajorlândia. Destacam-se Canoa Quebrada, ponto de comercialização das garrafas de areias coloridas, também conhecida pela indústria de labirintos, em face do grande fluxo de turistas que a tornou famosa na região; Fontainha, onde se encontram as falésias, fonte da matéria-prima – as areias coloridas – utilizada para a confecção das garrafas, e, por fim, Majorlândia, cenário da história da arte em areias coloridas, porque consagrada como seu local de origem. Foi nela que nasceu a arte e o ofício dos artistas que enchem as garrafas de símbolos e sonhos.

Situada a 12km da sede, a belíssima praia de Majorlândia parece um paraíso em meio a denso coqueiral, com lindas falésias avermelhadas, dunas e fontes naturais.

As falésias são a principal fonte de matéria-prima dos artistas das areias coloridas. São formações geográficas litorâneas, a rigor, um ressalto do tabuleiro, que, ao sofrer o processo de abrasão, recua em direção ao continente, ampliando a superfície erodida pelas ondas, que é chamada de terraço (Monteiro, 2001). Nelas começa o processo de produção dessa arte que





ganhou o mundo.

O primeiro contato com um dos artistas foi a partir de modesto quiosque instalado no calçadão, onde se via uma chamada sobre “areias coloridas”, além do nome Raí. Saí à procura e encontrei Raimundo Nonato da Silva, 38 anos, natural de Majorlândia, dono do quiosque.

Raimundo usa esse pequeno espaço para produ-

zir suas peças com areia colorida, que ficam expostas para venda lá mesmo. Além das suas peças, expõe a de outros artistas. Fala orgulhoso que vive de sua arte, mas complementa sua renda com a venda de outros produtos, como sorvetes, refrigerantes, algumas peças de bijuterias, como cordões, brincos, etc., e também como dono de uma “bodega”, onde vende produtos variados de alimentação, desde



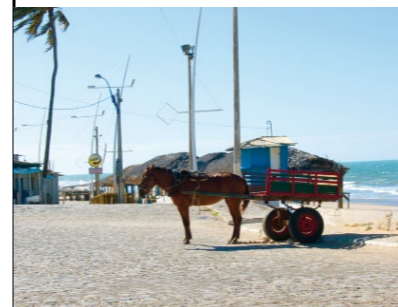
biscoitos e refrigerantes até feijão, óleo.

Raimundo me recebeu com extrema gentileza e se ofereceu para me fazer companhia, dizendo que não poderia conversar comigo naquele momento, mas que me levaria à casa de Edgar. Saímos em direção à casa de Edgar pelas ladeiras de areia, embaixo já de sol a pino, o que aumentou o esforço físico de subida.

Ainda sob o impacto da beleza natural de Majorlândia, as ladeiras e vielas do morro, recheadas de casas extremamente simples, apareciam agora como um contraste, revelando a condição de pobreza daquela parte da população da localidade.

De fato, até agora eu tinha visto apenas a parte à beira mar, onde não havia nem mesmo moradias dos pescadores, mas grandes quiosques, residências de veraneio, pousadas e bares da “gente de fora”. Soube, mais tarde, que, conforme a praia foi ficando mais conhecida, os moradores, em sua maioria pescadores, foram cedendo à especulação imobiliária, vendendo seus lotes e subindo o morro.

Ressalte-se que não vi miséria, mas casas muito simples, algumas bastante aconchegantes e espaçosas, como a de Raí, onde tive o prazer de jantar, numa das noites que estive na cidade, um delicioso peixe com pirão feito por sua jovem esposa, Isadora,



em companhia de sua filhinha Raíssa, de três anos de idade. Para matar minha curiosidade e completar a hospitalidade e gentileza, meus anfitriões, enquanto me serviam um cafezinho, me explicaram que aquele peixe se chamava “biquara”, o peixe mais saboroso e popular da pesca diária. Nesse encontro, Raimundo falou sobre o prazer e alegria que tem ao fazer as garrafas de areias coloridas, porque exercita a sua criatividade ao mesmo tempo em que divulga a arte, quando a produz e a vende em seu quiosque na praia, para que todos vejam seu processo de produção.

Voltando às ladeiras, chegamos à casa de Edgar e fomos recebidos por dona Cosma, sua esposa. Raí deixou-me em companhia do casal Edgar Andrade de Freitas, 60 anos, e Cosma Pinheiro de Freitas, 56 anos.

A casa simples do casal, igualmente aconchegante, ofereceu-me uma varanda, onde sentamos e passamos a conversar sobre a arte e ofício que os mantém financeiramente. A relação afetiva do casal parece se fortalecer na criação das garrafas de areias coloridas, uma vez que produzem juntos e falam com prazer e

alegria desse fazer.

Edgar passou a contar sobre quando começou a trabalhar com a areia colorida. Aprendeu desde menino com dona Joana Carneiro (1908-1978), tia de dona Cosma. Foi pelas mãos e criatividade de dona Joana que, segundo o que contamos moradores mais antigos, Majorlândia ficou conhecida como o local de origem da arte em areias coloridas.

A arte e o ofício se espalharam, em primeiro lugar, para Morro Branco, também litoral leste do Ceará, por conta da grande incidência de falésias na localidade, e, em seguida, para o litoral do Rio Grande do Norte, destacando-se o município de Tibau, também conhecido como a terra das areias coloridas.

Enquanto Edgar fora apanhar recortes de jornais e toda sorte de impressos sobre o trabalho que realizam, dona Cosma lembrou que, para fugir da vida difícil que tinham quando recém-casados, foram para Fortaleza, em 1970, ela com 16 anos de idade e Edgar com 20. Lá, criando as imagens das paisagens litorâneas, puderam criar os seis filhos, e conheceram várias partes do mundo, contou orgulhosa, embora ela só tenha come-



çado o trabalho mesmo em 1976, quando se iniciou na aprendizagem com o marido.

Edgar, já de volta, complementa, mostrando o álbum com as fotos dos dois em Tóquio, onde demonstraram a técnica, a convite de uma emissora de televisão, logo após terem participado de um documentário, realizado pela mesma emissora, em 1998, em Fortaleza. Ainda mostrando as fotos, contou que conheceram a Argentina, Paraguai e, praticamente, todo o Brasil.

Dona Cosma, demonstrando saudade e certa tristeza em seu rosto, afirmou que, com a concorrência, principalmente de Morro Branco, o trabalho passou a ser menos remunerado. Desse modo, trabalha sob encomenda e complementa sua renda com o labirinto<sup>3</sup>, técnica aprendida desde menina. Paciência e muita atenção são pré-requisitos para o exercício do labirinto, o que, sem sombra de dúvida, dona Cosma deslocou para a aprendizagem da arte em areias coloridas.

Uma arte que, segundo Brandão,

se reproduz como saber [...] reproduz-se enquanto é vivo, dinâmico e significativo

para a vida e a circulação de trocas de bens, de serviços, de ritos e símbolos entre pessoas e grupos sociais. Enquanto resiste a desaparecer e, preservando uma mesma estrutura básica, a todo momento se modifica. O que significa que a todo momento se recria. (1982: 36).

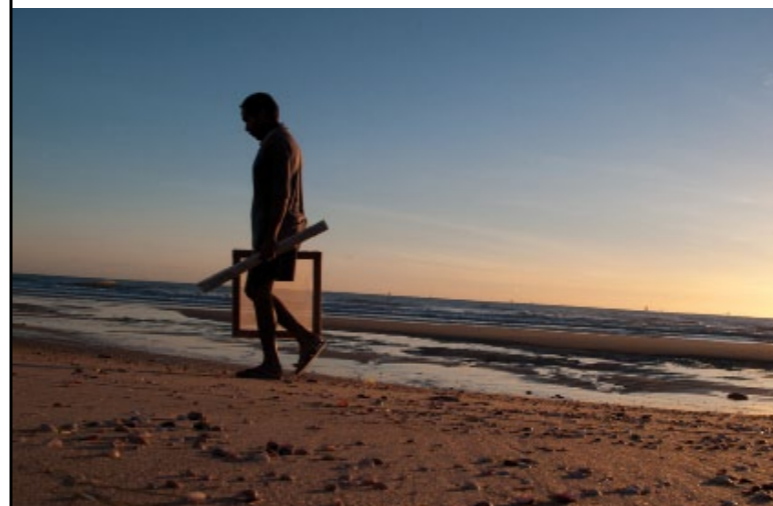
Hoje, considerado um “mestre”, Edgar volta a falar da sua arte com orgulho e diz que não vai parar, porque o valor artístico não tem preço.

Valor artístico que é, de fato, revelado pela singularidade de um saber que resiste a desapare-



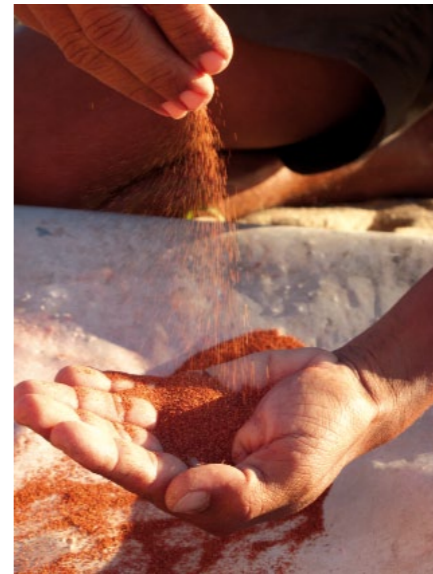
cer, se reproduz e se recria pelas mãos habilidosas dos artistas de Majorlândia, que fazem da arte em areia colorida arte única, ímpar, pela forma como criam as imagens dentro das garrafas.

Daí, o prazer de Edgar com todo esse processo, que se inicia com a ida para as falésias, geralmente ao raiar do dia, quando, com utensílios variados,



vão buscar a matéria-prima<sup>4</sup>: “são mais de 12 cores naturais, tais como os tons de amarelo, laranja, cor de telha, marrom, bordô, e o branco; já o verde, azul, são grãos tingidos”, afirma Edgar.

Após a retirada da areia, passam ao consequente “afinamento”,





processo em que o artista peneira a areia uma ou duas vezes, e até uma terceira vez, se achar necessário, para retirar os grãos mais grossos e pedras, ficando apenas os grãos mais finos.

Separada em suas várias cores, a areia é colocada em potes e copos dispostos sobre uma mesa. Para dar



início ao processo de criação, usam uma concha e colheres, para pegar a areia em pequena quantidade, ou copinho de plástico, para colocá-la em maior quantidade dentro das garrafas.

A palheta, instrumento que dá forma à imagem que é criada,



tem uma de suas pontas tão fina quanto uma agulha, melhor para o traço de detalhes. Detalhes que revelam a criatividade do artista e a singularidade do processo de criação das imagens que vão surgindo.

Por fim, o acabamento, chamado "compactação da areia", visa garantir que o desenho fique intacto, imune aos movimentos. Colocando-se areia aos poucos, o volume é pressionado com um ferro pontiagudo, até ficar



firme. Usa-se ainda, sobre esse volume, uma mistura de água e cola branca, apenas como medida de segurança, uma vez que a compactação firma a areia na garrafa de tal forma que, virando-a, o desenho não se desfaz.

São imagens de paisagens litorâneas, aves, retratos. As mais recorrentes são as que marcam a paisagem local, com suas praias, coqueirais e jangadas, e até peças que lhes são encomendadas para servir de peças publicitárias, propaganda, como foi realizado por mestre Edgar

para uma cervejaria, retratos e até declarações de amor, do tipo 'João ama Maria', em meio a uma paisagem, tal a representação simbólica dessa atividade na região.

Desse modo, criatividade e sensibilidade, técnica e habilidade transformam areia em magia e sedução na arte feita em garrafas, uma atividade artística que guarda símbolos e sonhos, que requer paciência para a produção de peças delicadas, com traços e contornos suaves, leves em suas miniaturas de paisagens, imagens

religiosas, e outros símbolos do imaginário popular retratados pelas mãos hábeis dos artistas, que utilizam a areia para a confecção.

Seguindo a rotina de encontro com os artistas, a que eu já estava me acostumando, Edgar levou-me até a casa de mestre Toinho, Antônio Eduardo Andrade Maia, 64 anos, também natural de Majorlândia, filho de dona Joana Carneiro, tido pelos artistas locais como um dos grandes mantenedores da tradição da arte em areia colorida na localidade. Viveu dessa arte e ofício cerca de 40 anos, aperfeiçoou a técnica aprendida com sua mãe ainda menino, repassando-a às novas gerações.

Toinho explica que depois que a técnica se popularizou, dedicou-se a outras formas de criações artísticas, deslocando sua sensibilidade para a escultura em madeira. Cria agora imagens de santos, dentre outros trabalhos, além de produzir painéis de paredes, usando cimento para criar cenas marítimas em alto-relevo em paredes das casas de veraneio.

O encontro com Toinho revelou as relações de parentesco cujos sobrenomes já haviam demonstrado, tal a recorrência dos Freitas, Maias e Silvas na localidade

e, principalmente, no âmbito dos produtores da arte em areia colorida, consagrando uma rede de relações sociais que sustentavam a tradição. A história de dona Joana Carneiro, narrada agora por Toinho, seu filho, atestava a verdade do que eu ouvira e li em recortes de jornais antigos, impressos, sobre a invenção da técnica em Majorlândia.

Toinho lembra que sua mãe, inicialmente, apenas enchia as garrafas com areias coloridas, percebendo que podia realizar desenhos geométricos.

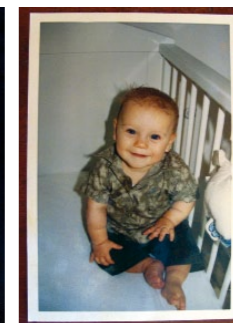
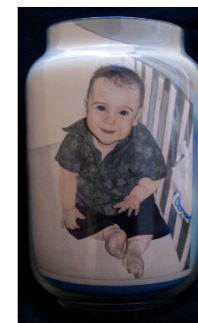
Certo dia, quando estava fazendo uma dessas para presentear um dos seus filhos, como lembrança, pois ele era da marinha mercante, por acidente a garrafa caiu, não quebrou, mas desmanchou as formas geométricas que estavam sendo desenhadas, formando algo que pareceu, para dona Joana, uma paisagem. A artista percebeu, então, que poderia desenhá-las e começou a fazê-lo, desenhando as praias com seus coqueirais e jangadas. Como o tempo, passou a afinar a areia, peneirando-a para que as imagens ficassem mais nítidas. Toinho, único dos seus 10 filhos que herdou o “dom” de sua mãe, segundo o próprio, aprimorou a técnica.

Apesar de não mais trabalhar com essa arte, ele parece saudoso do ofício, lembrou do trabalho de repasse da técnica para muitos pescadores de Majorlândia – a maioria dos que trabalham com a areia colorida é ou foi pescador –, daí me disse que eu tinha de conhecer o trabalho de Lídio José Maia da Silva, 41 anos, que, segundo ele, é o artista que mais se apropriou na técnica, tornando seu trabalho perfeito. Opinião que é unânime entre os artistas de areias coloridas em Majorlândia.

De fato, Lídio, ao falar de seu trabalho e arte, fala com afeto pelo que faz, trabalha por gosto, procurando mesmo melhorar todos os dias, realizando sempre um trabalho melhor do que o anterior, e suas peças são exemplos claros disso.

O trabalho de Lídio revela o exercício de busca da perfeição, de tal modo que reproduz, por exemplo, retratos com as areias coloridas, que se chega a duvidar de que é uma cópia em areia. O uso da palheta com extrema técnica e habilidade imprime imagens refinadas e ricas em detalhes.

Sem sombra de dúvida, Lídio é um dos



artistas que consagram a arte e ofício da arte em areias coloridas. Seu trabalho, sua criação representam um forte indício de que é uma produção artística que permanecerá viva em Majorlândia.

Esse grupo de artistas vem há algum tempo buscando fortalecer a atividade na localidade, uma vez que toda a produção é levada por eles para Canoa Quebrada, em face da grande movimentação turística que a consagrou com uma das praias mais bonitas do litoral cearense. Desse modo, juntaram-se ao grupo de mulheres labirinteadoras na Associação dos Artesãos de Majorlândia – Assam –, criada há cinco anos, inicialmente com o objetivo de alavancar a atividade das mulheres.

Ressalte-se aqui a flagrante divisão de trabalho, marcando as relações de gênero, com mulheres na atividade do labirinto e homens na confecção das garrafas com areias.

Hoje, a entidade conta com cerca de 20 labirinteadoras e 35 artistas de areias coloridas. No entanto, esse grupo se tornou descrente quanto ao apoio dos órgãos públicos, além de se ressentir da falta de união entre eles próprios. Apesar disso, continuam o ofício e a arte com

areias coloridas nas garrafas, a rigor, salvaguardando-a do desaparecimento.

E se dizem ainda mais estimulados a fortalecer a Assam a partir da recente atuação do Promoart – Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/Iphan/Ministério da Cultura<sup>5</sup>.

Nilberto de Freitas Silva, 36 anos, neto de dona Joana, um dos incentivadores do fortalecimento do grupo em torno da associação, se mostrou preocupado com o repasse da técnica, uma vez que muitas pessoas que chamam de “intermediários” aprendem a técnica, mas não se preocupam com a qualidade do que fazem e vendem a preços abaixo do que deveriam cobrar, fazendo com que os turistas nivelem o trabalho de todos, forçando-os a baixar o preço também para que possam vender. Por isso, se diz otimista com a possibilidade de realização de oficinas para repasse da técnica, uma vez que poderão garantir que a qualidade seja o fundamental na arte em areias coloridas.

Interessante observar que o que Nilberto chama de “intermediário” não é o comprador conhecido como tal,

aquele que se coloca entre o artista e os comerciantes, regra geral, tornando o produto mais caro ao consumidor. O “intermediário” aqui, segundo ele, é alguém que pertence à comunidade, mas não à rede de parentesco que une os artistas de Majorlândia, de tal modo que aprende a técnica e não se preocupa com a qualidade do trabalho, desvalorizando-o.

Quanto a essa desvalorização, o depoimento de Nilberto é emblemático:

Eufico chateado quando uma peça minha caí e quebra, mas eufico triste e mais chateado ainda quando o turista vem e abaixa o valor do meu trabalho; eu prefiro que a peça quebre a isso.

Aqui parece não se tratar apenas do valor da troca do ponto de vista do chamado mercado, mas também do olhar, que é dirigido aos saberes e fazeres das camadas populares, quando se valoriza o trabalho artístico dessas camadas da população. Uma das formas mais comuns, e simplificadas, é aquela que, ao opor artesanato/arte popular e arte, separa os agentes sociais, cuja



criatividade materializa os objetos. Uma questão que, se debruçarmos um olhar mais atento, observaremos que se trata da distinção de classes sociais, uma vez que essa oposição carrega a dicotomia elite e povo, levando à matriz que atribuiu às classes dominantes o saber, em oposição às classes subalternas, cujas atribuições seriam de fazer, forma de classificação preconceituosa e discriminatória, consagrada na ideologia capitalista ao dissociar o trabalho intelectual e o trabalho manual. Desse modo, o objeto chamado de artesanal, como as garrafas de areias coloridas, tem seu valor diminuído em decorrência exatamente deste sistema de classificação (Lima, 2002).

No entanto, Nilberto, para além dos obstáculos que enfrenta, afirma que da arte em areias coloridas ele vive e vai continuar vivendo, inventando novas técnicas, ao realizá-las em outros suportes, como quadros e tijolos de vidro, dando um testemunho de que a criação e inspiração brotam nas expressões desses artistas e suas areias coloridas.

Paulo Sérgio da Silva, 36 anos, é um exemplo desse poder de concentração e de sensibilidade. Menino,



vendia doces para ajudar no orçamento doméstico. Aproveitava o grande movimento na casa de Toinho Carneiro, famoso naquela época por conta da arte em areia colorida, e ia para lá vender os seus doces. Certo dia vendeu todos os doces que levava muito rapidamente e começou a “curiar” e, assim, “curiando”, foi aprendendo a técnica, até que vendeu uma peça para um turista, passando a receber apoio de sua mãe para se dedicar à arte. Com 13 anos foi para Fortaleza, ajudado por Cação, filho de Toinho, para sobreviver da arte, e lá viveu durante 20 anos: “voltei para continuar trabalhando na arte em areia colorida aqui em Majorlândia, porque senão ela vai acabar e eu quero proteger essa arte”, um sentimento de salvaguarda que senti em todos os artistas que abordei.

Essa arte está pautada na experiência vivida e transmitida de geração para geração, e isso consagra a tradição com peso grande no âmbito do processo de criação desses artistas populares, uma vez que pertencer à família de dona Joana Carneiro e à rede de relações de parentesco que se estabeleceu a partir desse matriarcado parece ser “um meio de não só ‘dar continuidade à

categoria’, mas manter os vínculos afetivos, a memória, as trocas simbólicas e os elos de solidariedade e dom necessários à gestão do cotidiano” (Dias, 2003: 49).

Sem sombra de dúvida a arte em areias coloridas é patrimônio cultural de Majorlândia, um patrimônio configurado pelas principais referências culturais dos artistas que o produz, atribuindo-lhe sentido. Dos detalhes milimétricos, criados com areias que são pouco ao pouco jogadas nas garrafas, vão surgindo, de baixo para cima, as imagens. Jangadas flutuam na areia, alimentando nossos sonhos. Coqueiros crescem aos nossos olhos, germinados pela criação artística. Casas vão se levantando a partir de alicerces imaginários que sustentam paredes de sonhos com janelas coloridas.

Por isso há garrafas com arte em areias coloridas! Garrafas que guardam símbolos e sonhos.



## NOTAS

- 1 O rio Jaguaribe banha os estados do Ceará e de Pernambuco. Nele foram construídos dois grandes açudes: o Orós e o Castanhão. Sua bacia hidrográfica está situada em sua quase totalidade dentro dos limites do estado do Ceará, com ínfima parcela estendendo-se ao sul para o estado de Pernambuco, ocupando parte do município de Exu, c.f [http://aracati.net/site/index.php?option=com\\_content&view=article&id=314:rio-jaguaribe&catid=41:geografia&Itemid=60](http://aracati.net/site/index.php?option=com_content&view=article&id=314:rio-jaguaribe&catid=41:geografia&Itemid=60). Acesso em agosto de 2010.
- 2 C.f. <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/ceara/aracati.pdf>.
- 3 Técnica de bordado que se confunde muitas vezes com a renda, o trabalho se estrutura em um tecido que é cortado e desfiado. São retiradas partes iguais de pequenas seções do tecido sem atingir as bordas, que devem permanecer intactas. Depois, com ajuda de linha e agulha, a artesã “torce”, isto é, envolve os pequenos desenhos quadriculados para que eles não se desfaçam, e então “enche” ou borda sobre as partes que compõem o desenho. O labirinto também se destaca na região como um dos saberes e fazeres da arte popular.
- 4 A retirada das areias coloridas das falésias tornou-se fonte de conflito e tensão, principalmente no que se refere à atividade artística em garrafas. Ainda que essa arte se tenha tornado um ícone do turismo do estado, a Secretaria Estadual do Meio Ambiente “proibiu a retirada ou desmonte das formações geológicas que compõem as falésias, incluindo a vegetação que as protege e/ou circundante, natural ou não”, transformando a atividade em um problema ambiental. Com isso os artistas são obrigados a trabalhar com cores não naturais, pelo tingimento da areia branca, embora muitos continuem, ainda, a realizar a retirada da matéria-prima, base da sua sobrevivência. O problema requer o caminho do meio, uma vez que se trata da arte e ofício de muitas famílias na região litorânea do Ceará.
- 5 Concebido pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – CNFCP/Iphan/MinC, o Promoart tem a finalidade de criar uma rede de apoio aos produtores de artesanato tradicional que venha atuar desde a produção até a comercialização das peças em grandes centros, com o objetivo de minimizar as barreiras que dificultam e, por vezes, até mesmo impedem a livre expressão de artistas e artesãos em todo o Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Folclore. [S.l.]: Brasiliense, 1982.
- DIAS, Maria Esther B. As areias coloridas do litoral cearense modeladas por sábias mãos. Revista O Público e o Privado, n. 2, jul./dez. 2003. Disponível em: < <http://educas.com.br/blog/?p=31>>. Acesso em: 21 set. 2010.
- LIMA, Ricardo Gomes. Estética e gosto não são critérios para o artesanato. In: PROGRAMA Artesanato Solidário. Artesanato, produção e mercado: uma via de mão dupla. LJM: São Paulo, 2002.
- MONTEIRO, Norah M. V. Os Efeitos da política de desenvolvimento no litoral cearense e as estratégias para a sustentabilidade: o caso do pecém – São Gonçalo do Amarante. Dissertação (Mestrado) – Universidade Internacional de Lisboa, Universidade Estadual Vale do Acaraú, Fortaleza, 2001.

Contato para comercialização

Associação de Artesãos de Majorlândia  
Rua Mestre Zé Mendes, s/n. Centro Comunitário  
CEP 62.809-000  
Majorlândia, Aracati – CE

realização



IPJIAN

CONSELHO  
DE GESTÃO

BRASIL  
GOVERNOS  
ESTADUAIS

patrocínio

CAIXA





RIO DE JANEIRO | 11 DE NOVEMBRO A 12 DE DEZEMBRO | 2010  
MINISTÉRIO DA CULTURA | IPHAN | CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE  
E CULTURA POPULAR | MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO